

AFINIDADES MORFOLÓGICAS DOS HOMINÍNIOS DO PLIO-PLEISTOCENO E SUAS IMPLICAÇÕES FILOGENÉTICAS: UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA FENÉTICA-MULTIVARIADA

TAMIRES CAROLINA CAMPOS¹
DANILO VICENSOTTO BERNARDO²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) – tamirescarolinacampos@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) – danilobernardo@furg.br

1. INTRODUÇÃO

Evolução biológica é a mudança em um conjunto de organismos de uma população ao longo do tempo por meio de descendência com modificação (Ridley, 2006), não possui sentido de progresso. Sua ocorrência, se dá a partir de quatro mecanismos distintos que refletem na variação dos organismos: mutação, migração, deriva genética e seleção natural. Admitindo que a evolução opera de forma lenta e gradual, e que, portanto, diferentes características surgem e, ou, desaparecem ao longo do tempo, se torna possível, através do estudo dos remanescentes fósseis, identificar as diferentes estruturas que surgiram ou foram modificadas nestes organismos, demonstrando relações de ancestralidade.

A paleoantropologia é uma disciplina da antropologia biológica definida segundo Lewis et al (2012) como o estudo global de hominínios fósseis. Possui por característica principal o estudo da história evolutiva humana, tendo por objeto de estudo as evidências biológicas e culturais hominínias, sendo essas evidências definidas por: características biológicas dos espécimes encontrados, produção ou não de tecnologia, associação direta a uma, ou mais, culturas tecnológicas, posição geográfica, entre outras.

Estudar evolução humana exige uma ampla gama de informações (Lewis et al, 2012). Devido a amplitude do objeto de estudo, abarcando desde os humanos atuais até seus ancestrais hominínios, as pesquisas precisam contemplar diferentes abordagens (multidisciplinariedade) e problemáticas, dentre estas, o que chamamos aqui de “controvérsias filogenéticas” (Campos, 2018). Como explicitado em Campos (2018) as controvérsias aparecem devido a pelo menos dois fatores. O primeiro sendo definido pela natureza dos dados, já que, evolutivamente, algumas informações aparecem nos extremos da mudança, como grandes novidades evolutivas, enquanto outras informações aparecem em diferentes estágios graduais evolutivos. O segundo fator é definido pelos pesquisadores considerarem poucos caracteres no momento de realizarem suas análises, o que gera problemas interpretativos devido à baixa amostragem. Ambos fatores geram dúvidas nas classificações de espécies dentro dos gêneros.

2. METODOLOGIA

Para a execução desse trabalho, foi aplicada uma análise Fenética Multivariada em dados métricos obtidos a partir da literatura especializada e em conjuntos de dados organizados por pesquisadores da área, como o Banco de Dados de Origens Humanas, por exemplo. Tendo isso em vista, foram realizadas

diferentes análises cobrindo dados morfológicos de crânio, mandíbula e dente de 12 diferentes táxons de hominínia. Esses dados foram explorados quantitativamente pela Análise de Componentes Principais e Análise de Agrupamento, seguida de Comparação Matricial da distância geográfica, filogenética e tecnológica para avaliação de parcimônia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das análises estatísticas multivariadas expostas anteriormente, obtivemos os dendogramas, estatisticamente significativos, que serão apresentados a seguir:

Figura – Dendograma da matriz morfológica craniana para 5 espécies.

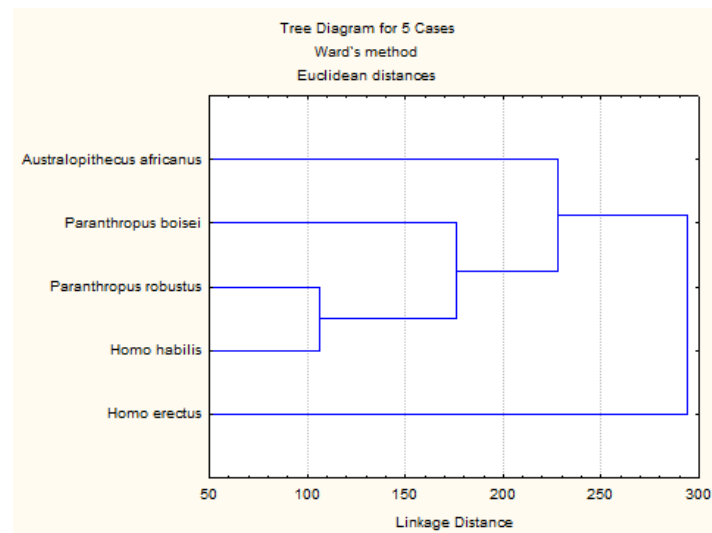
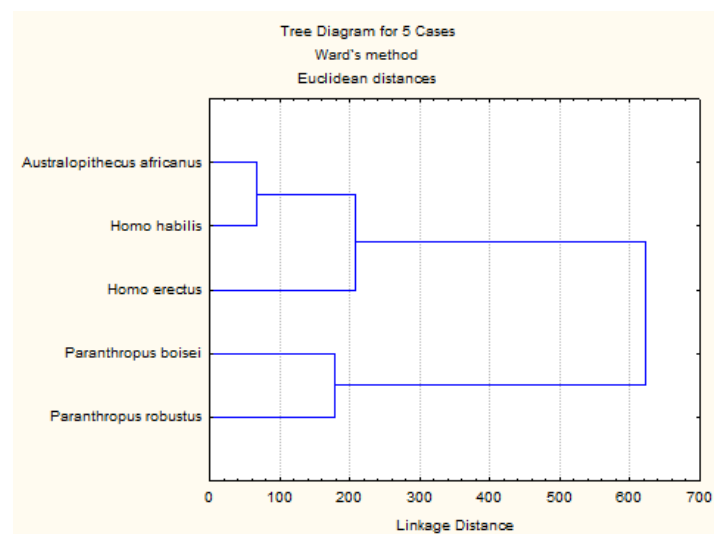


Figura - Dendograma da matriz morfológica de dentes mandibulares para 5 espécies.



A partir desses resultados notamos uma evidente e já sabida distinção entre membros do gênero *Australopithecus* para membros do gênero *Homo*, sendo evidenciado dentro do gênero *Australopithecus* o distanciamento entre gráteis e robustos. Também notamos a aproximação da espécie *Homo habilis* para com os *Australopithecíneos*, e distanciamento do membro de seu gênero, o *Homo erectus*.

4. CONCLUSÕES

A partir dos resultados, notamos que a espécie denominada *Homo habilis* se encontra mais próxima de membros de outro gênero, os *Australopithecíneos*, do que dos membros de seu próprio gênero, o *Homo*. O que aumenta a discussão de que talvez essa espécie tenha sido classificada de forma equivocada. Como o banco utilizado possui uma baixa amostragem, não possuímos segurança em sugerir um cladograma diferente, no entanto, esses resultados nos impulsionam a seguir o trabalho, a fim de chegarmos a resultados e conclusões mais robustas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RYDLEY, M. **Evolução**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 3v.

LEWIS, B; JURMAIN, R; KILGORE, L. Paleoanthropology/Fossil Homininins. In: LEWIS, B; JURMAIN, R; KILGORE, L. **Understanding humans: Introduction to physical anthropology and archaeology**. USA: Wadsworth, 2012. Cap.8, p.175-200.

CAMPOS, T. C. **Processo de Hominização: uma investigação das implicações filogenéticas nas relações biológico-evolutivas hominínias sob uma abordagem fenético-comparativa**. 2018. 79f. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) – Curso de Graduação em Arqueologia, Universidade Federal do Rio Grande.